




XVII ENANPUR

SÃO PAULO • 2017



Ócio e Lazer em São Paulo da Belle Époque. A vilegiatura marítima e a invenção do Guarujá enquanto balneário da metrópole (1890-1915).

Leisure and recreation in São Paulo of the Belle Époque. The maritime *villegiatura* and the invention of Guarujá as the seaside destination of the metropolis (1890-1915).

*Carlos Eduardo Collet Marino*¹, FAUUSP,
carlos.marino@usp.br

¹ Arquiteto Urbanista, mestrando no programa de pós graduação da FAU USP na área de História e Fundamentos da Arquitetura e Urbanismo.

RESUMO

O presente artigo aborda a invenção e constituição da Vila Balneária do Guarujá em fins do século XIX, evidenciando o estreito vínculo entre a expansão territorial paulista e o avanços tecnológicos, o desejo pela diversificação de investimentos de parte da elite cafeicultora e, sobretudo, o avanço de novas práticas sociais. Elevando o lazer à posição de centralidade no processo de expansão urbana, a vila balneária construída na Ilha de Santo Amaro, ao longo dos primeiros 20 anos de sua existência, pode contribuir para a compreensão da complexidade inerente ao processo de urbanização do território paulista.

A ênfase no modo como as práticas culturais se relacionam dialeticamente com o processo de urbanização se constitui como chave interpretativa para a leitura do empreendimento e é a partir dessa relação de interdependência que se estudarão os discursos que embasam a conformação da vila, presentes em sua arquitetura e urbanismo. São ressaltados dessa forma aspectos que buscam reconstruir o universo constituinte e constituidor desse novo invento, fundamentalmente por meio de uma sistematização e correlação de notícias trazidas em periódicos ou relatos do período em análise. Assim ganham relevância o poder atribuído às águas e a conformação de um território organizado e controlado em torno dos prazeres do homem.

Palavras Chave: metropolização, lazer, vilegiatura, balneário, São Paulo

ABSTRACT

The following article approaches the invention and constitution of the Guarujá Seaside Village at the end of the 19th century, stressing the close link between the São Paulo territorial expansion and the technological advances, the desire for the diversification of investments by the coffee producers elite and, above all, the advance of new social practices. Raising leisure to a central role in the process of urban expansion, the beach resort city built on the Santo Amaro island may contribute to the understanding of the complexity inherent to the process of urbanization in the state of São Paulo.

The emphasis on the way in which cultural practices relate dialectically to the process of urbanization constitutes an interpretive key for the interpretation of the whole development. The arguments that support the conformation of the village, present in its architecture and urbanism, will be therefore analyzed based on this interdependent and mutual relationship. In this way, aspects that seek to reconstruct the universe of this new invention are highlighted, fundamentally through a systematization and interconnection of news brought in periodicals and descriptions of the period under analysis.

Thus, the power attributed to the water and the conformation of a territory organized and controlled around the pleasures of a society gain full relevance.

Keywords: metropolization, leisure, vilegiatura, seaside, São Paulo

À BEIRA-MAR: A VILA BALNEÁRIA

“A data de 1896 tem importância porque guarda a minha primeira viagem. Na minha memória afetiva ficou a ideia de, aos seis anos, meus pais me levarem ao Guarujá. O Guarujá é uma praia linda, na ilha de Santo Amaro, em Santos, que se desenvolveu com o desenvolvimento do Estado, mas que já naquele tempo era o recanto marítimo que reunia as elites de calção comprido que banhavam as pundonorosas canelas e dissimulavam as bundas, ante o mar rancoroso e verde, onde se erguia em frente a Ilha da Moela.”

Oswald de Andrade. Um homem sem profissão.²

Em 14 de abril de 1891 o jornal *Correio Paulistano* publica em sua terceira página, em seção intitulada *Commercio e Finanças a Acta da Assembleia Geral de Instalação da Companhia Balneária “Ilha de Santo Amaro”*. A pequena notícia relata a reunião, ocorrida dois dias antes de sua publicação, na sede da Companhia Central Paulista, dedicada a certificar a constituição de capital social da Companhia e a eleição dos acionistas que assumiriam cargos relevantes, tais como presidência, diretoria, conselho fiscal e suplentes. Entre os acionistas presentes, constam inúmeras figuras ilustres, conhecidas por sua atuação ampla e diversa no cenário econômico e político paulista, tais como Elias Antonio Pacheco Chaves, Martinho da Silva Prado, Martinho Prado Junior – o Martinico Prado – Frederico de Souza Queiroz entre outros.

Passada a reprodução da ata da reunião, o artigo acaba por indicar o devido atendimento da Companhia aos decretos que então estabelecem a normativa para a formação de sociedades anônimas; dessa forma pôde-se anunciar em edição do mesmo jornal do seguinte dia que, a Companhia, dirigida pelo recém eleito Elias Fausto Pacheco Jordão³, começava então a funcionar.

O estatuto da companhia, publicado pelo mesmo jornal alguns dias antes, foi, segundo a reprodução da ata, *aprovado sem debates* e anuncia no artigo primeiro os fins buscados por meio da nova *sociedade anonyma*:

- 1o Adquirir terrenos e casas na ilha de Santo Amaro, município de Santos, Estado de S. Paulo.
- 2o. Criar uma povoação com a denominação de villa Valenciana afim de facilitar o uso de banho de mar.
- 3o. Montar um estabelecimento balneário, edificar hotéis e casas para alugar e vender.
- 4o. Montar estabelecimentos commerciaes que sejam necessários para ocorrer as necessidades da povoação e promover de modo que os outros montem taes estabelecimentos, como melhor convier aos interesses da companhia.

² Andrade, 2002: 40.

³ Elias Fausto é uma das figuras mais importantes na organização do empreendimento. Nascido em Rio Claro, era filho de importante cafeicultor e empresário do oeste paulista, responsável pela fundação da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro. Com vínculos familiares à família Prado, esteve a frente de inúmeros negócios liderados pelo grupo Prado e Chaves. É um dos fundadores do Partido Republicano Paulista e eleito deputado federal em 1898. Foi o primeiro brasileiro formado na Universidade de Cornell, nos EUA em 1875 e mantém o forte vínculo com os EUA por meio da aproximação com o geólogo Charles Fredeick Hartt. Em 1893 integra a comissão nacional na Exposição de Chicago. Devido sua presença nos EUA é possível que tenha conhecido a estância balneária americana de Newport, financiada pelo capital ferroviário em torno fundamentalmente da família Vanderbilt, cujas raízes em muito se assemelham a constituição da Vila Balneária do Guarujá. (Freitas, 2011, Jordão, 1949)

5o. Vender e arrendar terrenos.

6o Proporcionar por si ou por outrem divertimentos uteis e agradáveis aos habitantes, dentro das conveniências da sociedade.

7o. Explorar a pesca ou promover de modo que terceiros explorem, como for mais conveniente.

8o. Estabelecer comunicação commoda e barata ligando a cidade de Santos a nova povoação, por meio de bonds a vapor marítimo e terrestres.⁴

Cabia à companhia então a exploração inédita de parte de território previamente ocupada por sítios, cuja atividade econômica era pequena e restrita à extração de madeira e à pesca, fruto talvez do isolamento até então da região em relação às outras ocupações urbanas⁵. Alguns dos antigos proprietários de sítios da região, como aqueles integrantes da família Leomil, tornaram-se acionistas da empresa, e passavam, portanto a compactuar com a transformação física e simbólica prevista para aquelas terras. Nesse sentido a pesca, que até então se constituía como uma das poucas atividades econômicas estabelecidas, deveria ser regulamentada e normatizada garantindo que não interferisse na constituição da vila que se pretendia edificar. A ideia de construir uma estância balneária, já expressa no nome da companhia, e reiterada pelos fins elencados no estatuto, eleva à centralidade uma prática que induziria a nova exploração econômica desse território, agora integralmente sob controle da companhia. Existia, pois, uma busca por reorientar o desenvolvimento econômico da ilha e ressignificar sua ocupação por meio de novos usos marcados por uma sociabilidade tipicamente urbana em torno de *divertimentos* e fundamentalmente marcada por uma relação com mar que aparecia renovada.

Inúmeras transformações físicas e um grande aporte financeiro foram realizadas nos anos que se seguiram para que finalmente em setembro de 1893 fosse inaugurada a Vila Balneária, a qual curiosamente nunca foi referida como vila Vallenciana como indicado em seu estatuto. Notícias eram frequentes em periódicos como o Correio Paulistano e o Estado de São Paulo referindo-se à construção do empreendimento, reiterando o avultado capital necessário e a liderança de *grandes e distintas* figuras para sua realização, bem como as características do sítio escolhido, sendo frequentes menções à sua natureza pitoresca, sua salubridade, temperatura amena, ventilação constante e proximidade com o mar cuja *água é límpida e fortemente salgada*. Aspectos da viagem até a ilha também eram noticiados de modo a reforçar as condições de acesso ao sítio antes remoto e os investimentos da Companhia; faz-se menção desde a encomenda dos *bonds marítimos*, que a princípio seriam adquiridos na Europa mas que finalmente têm sua saída de Nova York noticiada no dia 12 de março de 1892 pelo Estado de São Paulo, até os tempos de viagem estimados:

a Viagem de Santos à nova povoação será feita em 40 minutos, sendo 30 em vapor da companhia, já em Santos, e depois em estrada de ferro, bitola de um metro, numa linha de 6 quilômetros, já em tráfego com 2 locomotivas e 5 carros de passageiros.⁶

⁴ Estatuto da Companhia Balneária “Ilha de Santo Amaro”, Correio Paulistano edição de 12 de abril de 1891.

⁵ Sousa, 1950.

⁶ Villa Balneária, Correio Paulistano edição de 19 de fevereiro de 1893.

Demais detalhes sobre a construção física da vila eram aos poucos revelados, como a construção dos cerca de 40 chalets de madeira, cuja estrutura fora toda importada do noroeste dos Estados Unidos, seguindo, no entanto, condições climáticas brasileiras, e em grande parte já pertencente a membros da elite paulista como Viridiana Prado, Francisco Xavier Paes de Barros entre outros. A construção de um luxuoso hotel devidamente acompanhado de um elegante cassino, executados também em madeira, era tema recorrente uma vez que possuíam posição de destaque dentro do conjunto edificado, situados em frente ao mar, próximos a estação de desembarque da linha ferroviária e providos do devido abastecimento de água, esgoto e energia elétrica⁷. Mesmo antes de sua inauguração o conjunto já despontava nas páginas desses jornais como grande fonte de progresso e civilidade, incidindo em múltiplas dimensões da constituição urbana paulista, considerada sua instalação de *“inestimável alcance para os nossos costumes, para a economia da vida paulista, para a hygiene do corpo...e do espirito”*.⁸



Imagem da primeira edificação do hotel. Ao fundo, à esquerda se enxergam os chalés de madeira, no centro destaca-se o edifício principal do hotel, e à direita o edifício do Cassino. Ao fundo se enxergam ainda outros chalés de madeira e em primeiro plano o parque ainda em obras e o mar. Fonte: FAMS.

A Vila Balneária Guarujá, que dá início ao povoamento e exploração significativa da Ilha de Santo Amaro, anuncia, pois, um tipo de incursão, onde o lazer e os prazeres do homem são lançados a componentes fundamentais do processo de expansão e *modernização* do tecido urbano, dentro de uma lógica de expansão territorial cujo principal motor é a crescente desigualdade sócio-espacial então em curso. A relativa distância dos centros urbanos mais próximos (São Paulo e Santos),

⁷ À Cia coube também o papel de prover toda a infraestrutura necessária ao funcionamento da Vila. Dessa forma foram construídas a usina elétrica e todo o sistema de abastecimento de água e esgoto.

⁸ Villa Balneária, Correio Paulistano edição de 19 de fevereiro de 1893.

somada à natureza remota do sítio definido para sua instalação não se colocam como dificuldades ou obstáculos a seu surgimento, muito pelo contrário, se configuram como características desejosas e distintivas para sua realização. Lá, o urbano surge ensaiado por meio de ritos de sociabilidade, em ambiente bucólico, de retiro e sobretudo exclusivo.

É a partir dessa chave interpretativa que este trabalho pretende lançar luz a alguns aspectos do surgimento da Vila que acabam por inseri-la na ampla teia de significações relativas ao período de modernização e metropolização de São Paulo. Ao longo da trajetória do Hotel, e de todo o empreendimento ali concretizado, ficam evidentes as intensas transformações das práticas culturais e de suas correlações com o desenvolvimento de novas estruturas econômicas, avanços tecnológicos e científicos e articulações com agentes políticos, constituindo-se, pois, o conjunto, como fonte de inúmeros e abundantes significados relativos ao período e processo em análise.

No presente artigo, a ênfase recairá sobre alguns aspectos relativos ao processo de expansão urbana e territorial na virada do século passado, que sugeriram ao homem daquele tempo a crença no seu domínio sobre as naturezas, externas e internas à sua própria existência. Busca-se destacar, pois, a estreita vinculação entre os avanços de ordem material e simbólica que permitiram ao homem domar aquele território, antes ermo e remoto, cujas forças naturais, simbolizadas pelo mar e pelo sol, reiteradas por sua força e imprevisibilidade, passam a constituir nova fonte de cura, prazeres e distinção. À beira-mar, em um cenário devidamente aparelhado, respeitando preceitos da ciência, do conforto e da privacidade, buscava-se o apaziguamento das ansiedades da elite paulista e o devido restabelecimento do equilíbrio entre espírito e corpo, que então desponta como elemento chave para o ingresso na modernidade⁹. Seja por meio de práticas esportivas ou ainda por meio da busca de eliminação de males físicos e psíquicos através de novas práticas ritualizadas em um cenário devidamente construído, corpo e mente surgem renovados e transformados. Análises sobre o conjunto edificado, sobre a transformação do sítio antes deserto e perigoso, e o fortalecimento das práticas de banho, alavancado pelo poder curativo das águas e pela configuração de um cenário adequado ao seu desfrute, servirão de base para constituição dessa perspectiva. Nesse sentido serão de suma importância o trânsito de influências entre as culturas nacionais e estrangeiras responsável principalmente pela expansão da prática burguesa da vilegiatura, bem como o papel central que o mar, e a brisa marítima passam a desempenhar, principalmente quando colocadas em alteridade ao cenário urbano, seja em discursos médicos higienistas, seja de maneira psicoterapêutica.

ENTRE FESTEJOS E RENOVAÇÕES

A detalhada cobertura jornalística que precedeu à inauguração do conjunto, seguiu durante os primeiros anos de seu funcionamento, destacando os momentos de inauguração do Hotel e abertura das temporadas da estação. Tanto o jornal o Correio Paulistano, quanto o Estado de São Paulo, que publicavam com grande entusiasmo aspectos relativos a esse novo invento, serviam a seus criadores como os maiores veículos de informação de seus ideários, associados em um primeiro momento às ideias do Partido Conservador (no caso do Correio Paulistano) e depois servindo como órgão vinculado ao Partido Republicano Paulista. São comuns então em ambos a celebração de figuras integrantes dessas filiações políticas, que viriam constituir um grupo de cafeicultores do oeste paulista cada vez mais interessado em diversificar suas atividades econômicas e articulá-las com um ideário específico de progresso e civilidade atrelados fundamentalmente a um modo de viver urbano. As areias do Guarujá serviriam nesse sentido como palco fundamental para a reprodução de determinados ritos de uma elite que, em

⁹ Corbin, 1988; Vigarello, 2006

vilegiatura, ensaiava as práticas sociais destinadas à difusão e assentamento simbólico da modernidade paulista. Fica evidente portanto o papel desempenhado ali pela estrutura social organizadora da produção cafeeicultora na ampliação do êxito da mesma e principalmente para a centralidade alçada a seus agentes.

Inaugurado em 1893, o complexo empreendimento construído no Guarujá contava além do hotel e respectivo conjunto de apartamentos, com, conforme indica o relatório da Cia Balneária publicado no jornal o Estado de São Paulo, em 28 de Março de 1897:

o cassino, o teatro, a casa de máquinas para a iluminação eléctrica, quarenta casas, sendo 33 de madeira e 7 de tijolos, a estação em Guarujá e os quartos dos banhistas, a olaria, a linha férrea bifurcada para a Costeira e Itapema com o respectivo trem rodante, diversos ranchos no Guarujá e no Itapema e os quartos juncto á ponte na Costeira, cinco lanchas a vapor, 4 alimentadas a carvão e 1 a kerosene, botes e lanchas para carga, a officina, as pontes na Costeira, Itapema e Paquetá.¹⁰

ficando evidente a constituição de um enorme e custoso negócio. Para além de constituir portanto um novo espaço de sociabilidade, pretendia-se ampliar os ganhos econômicos por meio de uma atuação direta sobre a ordenação do território. Se é certo que tal movimentação já estava sendo articulada pelos mesmo agentes serra acima na construção de novos bairros e loteamentos, a expansão do modelo urbano a localidades situadas fora da área urbana *strictu sensu* apresenta curioso interesse.

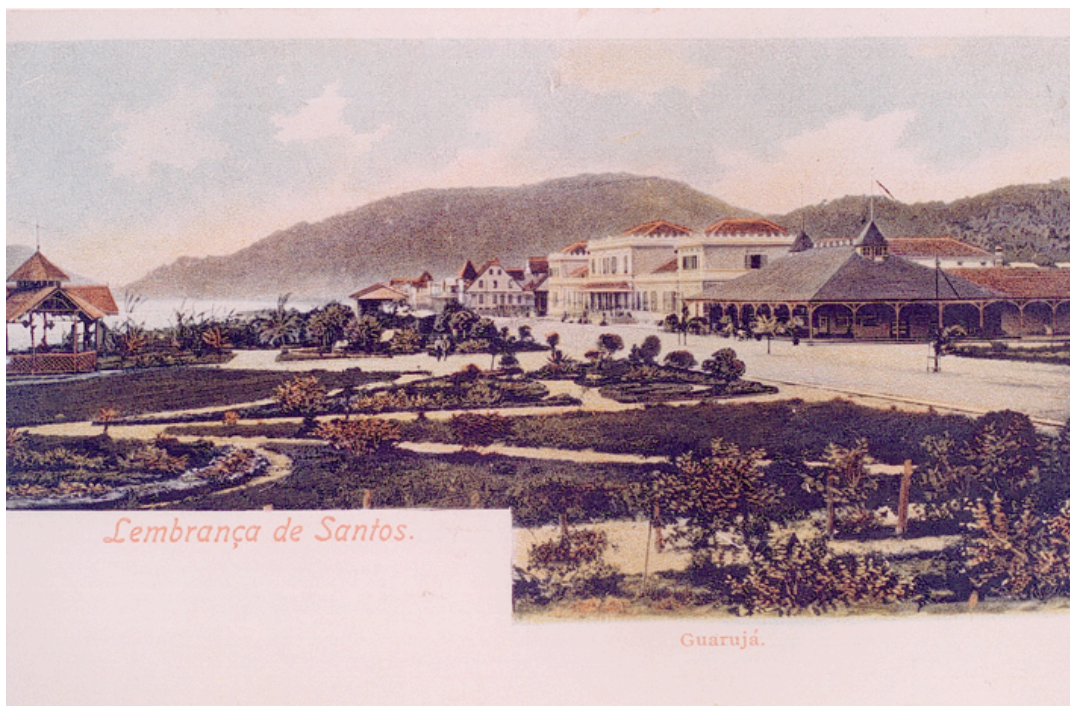
Após um incêndio comprometer parte da estrutura do antigo hotel existente, em setembro de 1898, o hotel é reinaugurado com a construção de um novo pavilhão, desta vez construído em alvenaria de tijolos. Os motivos que causaram o incêndio do principal edifício da vila, possível brecha para o rompimento do ideal harmônico associado ao conjunto graças a suas representações nas páginas dos periódicos, ainda permanecem desconhecidos. Algumas notas e reportagens publicadas pelo Correio Paulistano ao longo dos anos de 1897 e 1898, no entanto, indicam um incidente envolvendo Eulálio da Costa Carvalho, então superintendente da companhia; segundo o periódico, uma bomba havia sido atirada no chalé de Eulálio enquanto este passava uma temporada com a família à praia, não gerando nenhuma vítima, mas destruindo o chalé e ocasionando possíveis danos à estrutura do complexo. O incidente, retratado como *“gravíssimo facto”*, culminou na prisão de um homem que no entanto se negava autor do *“bárbaro crime”*¹¹. O novo pavilhão, ao contrário daquele que o antecederia, é constantemente retratado como de arquitetura simples de alvenaria, não representando sua renovada feição uma característica distintiva frente ao conjunto, e, dessa forma não despontando de maneira significativa nas páginas dos jornais do período. É interessante porém notar a completa substituição do modelo anterior em sintonia aos processos de renovação urbana e arquitetônica levado a cabo serra acima. É justamente a partir de meados da década de 1890, quando já haviam despontado como índice distintivo e iniciado um avanço significativo pelos bairros mais afastados de São Paulo, que grande parte dos chalés que até então existiam nas áreas centrais da cidade passam a ser demolidos e substituídos por edificações que seguiam outros preceitos arquitetônicos; como sugere Eudes Campos *a ampla aceitação do chalé acabou por contribuir seriamente para o crescente desprestígio social desse tipo de edificação e, também, de seus elementos arquitetônicos constituintes*.¹² Dessa forma, ainda que associado a um incidente

¹⁰ Jornal o Estado de São Paulo, 28/03/1897

¹¹ Correio Paulistano, edição de 25 de maio de 1898 11 Campos, 2008

¹² Campos, 2008

fortuito, a primeira renovação ocorrida no conjunto construído pode ser também interpretada como uma das sucessivas transformações que pretendiam alargar simbolicamente a presença do hotel no imaginário paulista, atualizando-o com os preceitos então em voga.



Cartão postal ilustrando a segunda versão do Hotel construída após incêndio destruir parte do edifício existente. Permanece no entanto a edificação do cassino e ao fundo se alcança os chalés de madeira. Fonte: FAMS.

Os últimos anos da primeira década do século XX representaram para a Companhia Prado Chaves, cujos membros eram os principais acionistas da Companhia Balneária, bem como para demais membros da elite paulista, grandes transformações em seus negócios. A superprodução de café a partir de 1906 implicou em uma reorganização de suas empresas e em uma reorientação na aplicação de capital nos demais investimentos.¹³ Além disso, muitas dessas figuras faleceram nesse início de século, passando para outras mãos, normalmente membros da mesma família, o comando das distintas empresas e companhias que até então conduziam.¹⁴ Tais transformações podem ter afetado o gerenciamento da Companhia Balneária que passa nos anos iniciais da década de 1910 às mãos de um novo grupo econômico internacional liderado por Percival Farquhar, importante capitalista norte-americano com diversos investimentos no Brasil e no restante da América. Sob o comando desse novo grupo econômico, a antiga edificação do hotel é demolida para dar lugar a uma nova edificação projetada pelo escritório de Ramos de Azevedo. Rebatizado, o Grande Hotel La Plage é inaugurado em 1913, com enorme festa amplamente

¹³ Levi, 1977; Sousa, 1950

¹⁴ Dos principais acionistas da Companhia Balneária no ano de 1891, já haviam falecido na primeira década do século XX: Martinho da Silva Prado em 1891, Valencio Teixeira Leomil em 1900, Elias Fausto Pacheco Jordão 1901, Elias Antonio Pacheco Chaves em 1903, Martinico Prado em 1906, Frederico de Souza Queiroz em 1908. Juntos eles possuíam, no ano de fundação da companhia, cerca de 43% das ações da empresa.

anunciada e divulgada pelos jornais. A festa, que contaria com a presença de importantes figuras políticas nacionais e internacionais, como indica o Correio Paulistano, levados ao hotel por trem exclusivo que sairia da Estação da Luz pela manhã e regressaria no fim da tarde, teria ainda performance do aviador Edu Chaves, conforme descreve o jornal o Estado de S. Paulo, em edição de 5 de junho de 1913:

A mesma directoria comunica-nos que por accordo feito com o arrojado aviador Edu Chaves, este contribuirá para um maior brilhantismo da festa do dia 8. Edu partirá de S. Paulo com seu aparelho no dia 7, levando um passageiro, pretendendo aterrar na praia do Grande Hotel Guarujá, ás 4 horas da tarde aproximadamente. No dia seguinte, isto é domingo 8, por ocasião do acto inaugural do Hotel, voará na praia, e depois de uma série de evoluções, procurará bater o recorde de altura, isto é, elevar-se acima de 5.000 metros.

A partir de então o hotel assume novas proporções, composto por distintas edificações contíguas e cerca de 200 apartamentos que possuíam terraços abertos ao mar e telefones próprios. O edifício contava ainda com elevadores e um anexo com cabines para banhistas, além das cabines móveis que ficavam à disposição dos banhistas, sugerindo um aumento expressivo no hábito do banho de mar; em seus arredores foram construídos ainda pequenos parques e áreas destinadas a práticas esportivas, constituindo todo um conjunto de atrativos para os diversos visitantes:

O Grande Hotel La Plage no Guarujá é um imponente edifício, ocupando em uma parte a área do antigo hotel que ha uns vinte anos teve seu período áureo na vida mundana da Paulicea. Consta de dois edifícios principaes, que de destacam pela sua architectura; o edifício propriamente de hotel, que foi inaugurado o anno anterior; e o edifício do hotel de luxo, com o anexo do Casino compreendendo o salão de baile, de jogos, bilhares, etc.

No quadro pitoresco e alegre da nossa praia do Guarujá, o edifício destaca-se como uma nota artística de modernidade e progresso que sobremodo agrada a quem amando a nossa paisagem tão opulenta e característica a estima ver engallanada com estes ornamentos que são manifestações de avançado progresso.

O Grande Hotel do Guarujá é construído no typo dos mais modernos hotéis, não lho faltando os dispositivos de hygiene, de conforto e de esthetica próprios destas opulentas habitações collectivas da atualidade.

O edifício hoje inaugurado tem os seus quartos acompanhados pelos respectivos gabinetes de toilette e banho, com amplos corredores, áreas e antecâmaras, e dá-nos o aspecto, pela tonalidade clara de sua pintura e a distincta singeleza de sua decoração, de uma aprasivel e alegre sanatório.

O conjunto do hotel, casino, annexos para usinas electrica, lavanderia, cozinhas, caldeiras de aquecimento, frigoríficos, depósitos, salas para o pessoal, rodeados e intermediados por parques e jardins e ligados por galeria envidraçadas, constitue uma grande villa, do mais importante aspecto.

Nas instalações deste conjunto de edifícios com o seu parque, junto às collinas do fundo, locaes para sports, rink, carreira de tiro e outros divertimentos, distribuição geral de agua, luz e esgottos, dispendeu esta empresa, cerca de seis mil contos. A importância desta somma, dá-nos uma idéa comparativa da considerável valia dos melhoramentos executados na Ilha de Santo Amaro e da colaboração que nos presta esta brilhante iniciativa.¹⁵

¹⁵ O Estado de S. Paulo, edição de 09 de junho de 1913.



Cartão postal indicando ilustrando a terceira e última versão do Hotel, projeto de Ramos de Azevedo. Em primeiro plano parque a à beira-mar, o edifício mais alto corresponderia ao Hotel de Luxo, ao fundo a estrutura do cassino e a esquerda o anexo do Hotel. Fonte: acervo FAMS

Além dos relatos nas páginas dos já conhecidos jornais, o Hotel passava a figurar nas páginas das novíssimas revistas de variedades que começam a circular no período, muitas das quais, eram voltadas às crescentes camadas médias urbanas. Com uma linguagem jornalística fundamentada no uso intensivo de imagens, vinculadas direta ou indiretamente a pequenos textos e ilustrações, essas revistas contribuíram para uma espetacularização do cotidiano urbano, articulando em suas edições temáticas e lugares da cidade que até então só se reconheciam de modo fragmentado. A sincronia na representação de inúmeros eventos somada a estratégias de veiculação das imagens construídas em geral por colagens e superposições e com legendas pouco elucidativas,

forneciam representações da cidade e criavam referências para os comportamentos e para as múltiplas identidades que os diversos grupos sociais iam estabelecendo, conforme o padrão de vida que alcançavam e o estilo que adotavam para si naquele contexto de reordenação da cidade.¹⁶

Dessa forma, nas páginas dessas revistas, não só as representações materiais da vila e principalmente do Hotel apareciam renovadas, mas sobretudo as práticas sociais ali desempenhadas. Em edição publicada no 1o de janeiro de 1923, a revista *A Cigarra*, que então se autoconferia o título de revista com maior circulação no estado de São Paulo, buscando situar a abertura de um mais novo salão de chá e cinema na região do centro de São Paulo, traz a seguinte afirmação:

¹⁶ Padilha, 1997: 83

S. Paulo vae-se pondo em rápido contacto, em matéria de diversões familiares, com os grandes centros civilizados do mundo. Multiplicam-se, dia a dia, os pontos de recreio, onde nossa sociedade se pode entregar comodamente a todos os prazeres do espirito. Não faltam os bons cinemas, os optimos clubs, as excellentes confeitarias, os lindos parques e as beneméritas sociedades de cultura artísticas. No centro da urbs ou longe delle, ha sempre um lugar aprazível, em que a gente se refaz para o "struggle-for-life". Conforta notar isto, que é uma prova evidente de que nossa educação se refina.

Ainda que posterior ao período em análise desta pesquisa, o pequeno trecho ilustra com clareza parte do processo de urbanização em curso desde o último quartel do século anterior, por meio do qual a constituição de uma rede de *diversões e pontos de recreio* urbanos, não só colocaria a cidade em pé de igualdade com os grandes centros civilizados do mundo, representando, pois um avanço do progresso alçado pelo homem ilustrado, como também seria responsável pela retomada do equilíbrio entre corpo e espirito, furtado, paradoxalmente, pelo mesmo crescente desenvolvimento urbano. A cidade é retratada, portanto, como sendo território tanto dos prazeres da vida humana como das lutas e conflitos pela sobrevivência, aspectos a princípio antitéticos mas que assumem uma intensa relação de interdependência. Inerente à essa profunda contradição, surge um novo conjunto de hábitos sejam eles físicos, sensoriais ou mentais, incorporados no cotidiano dos habitantes da cidade, funcionando, dialeticamente, como signos e paliativos do processo de metropolização:

esportes, danças, bebedeiras, tóxicos, estimulantes, competições, cinemas, shoppings, desfiles de modas, chás, confeitarias, cervejarias, passeios, excursões, viagens, treinamentos, condicionamentos, corridas rasas, de fundo de cavalos, de bicicletas, de motocicletas, de carros, de avião, tiros-de-guerra, marchas, acampamentos, manobras, parques de diversões, boliches, patinação, passeios e corridas de barco, natação, saltos ornamentais, massagens, saunas, ginástica sueca, ginástica olímpica, ginástica coordenada com centenas de figurantes nos estádios, antes dos jogos e nas principais praças da cidade...¹⁷

A vilegiatura marítima bem como outras práticas de lazer urbanas surgiam fortalecidas em oposição ao inevitável *struggle-for-life* urbano e os banhos de mar surgiam não apenas como *a força, a saúde, a alegria, a elegância; são também a consagração da moda e o dístico da celebridade*.¹⁸

O PODER DAS ÁGUAS

Ao longo das décadas de 1830 a 1860, decorrentes do aumento da produção acadêmica nacional encontrada nos novos centros acadêmicos fundados no Rio de Janeiro e na Bahia no início do século XIX foram produzidos inúmeros artigos científicos que, *“ao mesmo tempo em que ressaltavam as propriedades medicinais e os usos das águas, pregavam o auxílio financeiro do governo para o aproveitamento adequado das fontes para fins terapêuticos”*¹⁹. Nesse período, diversas viagens foram empreendidas por cientistas às famosas estações termais francesas, por exemplo, de modo a esclarecer especificações técnicas, e demais aspectos relacionados ao funcionamento e aparelhamento

¹⁷ Sevcenko, 1992: 33.

¹⁸ Banhos de mar, revista A Cigarra, edição de 30 de março de 1914.

¹⁹ Franco, 2005. Dentre os trabalhos realizados nas academias de medicina da Bahia e do Rio de Janeiro que relacionam nesse momento o poder das águas com possibilidades curativas, estão: Acerca da hidroterapia, 1855; Da medicação hidroterápica, 1858; Hidroterapia, 1871; Das indicações e contra-indicações da hidroterapia no tratamento das moléstias do sistema nervoso, 1877.

dos balneários, conhecimento posteriormente utilizado na construções das estruturas nacionais. Soma-se a isso, como aponta Pires, a

própria vinda da Família Real e, ao que parece, foram os seus membros, os maiores propagandistas, na proporção em que, por exemplo, outros integrantes do palácio e a população em geral, se dispuseram a tomar águas minerais e banhos salgados.²⁰

Os banhos, de mar ou de demais águas virtuosas, sofreram assim a partir de meados do século XIX influências de distintos campos, contribuindo para a multiplicidade simbólica que a eles se associa e que se fazem presentes nas representações mais variadas da Vila Balneária. No entanto, o avanço das práticas associadas a discursos medicinais se tornava cada vez mais latente, ritualizadas de modo mais significativo por parte da elite nacional.²¹ Ainda que em profunda transformação, frente aos avanços dos estudos sobre a medicina microbiana de Pasteur ou Robert Koch, que tiveram seu devido reconhecimento somente na primeira década do século XX, a medicina seguia guiada por preceitos associados a teoria dos miasmas e dessa forma os banhos, sejam ele termais ou marítimos, mantiveram sua relevância como prática terapêutica até a década de 40, quando de fato ocorre a difusão veloz dos medicamentos e antibióticos sintetizados em laboratórios no país.²²

Embora as atividades terapêuticas provocassem certo fluxo de visitantes, as estruturas construídas para de fato abarcar a prática da vilegiatura, tanto nos balneários termais quanto nos balneários marítimos, não estariam amplamente organizadas até o início do século XX. Os famosos hotéis em Poços de Caldas, Caxambu ou Araxá, que levavam parte das elites ao interior de São Paulo e Minas Gerais, só se efetivaram enquanto núcleos prósperos a partir dos primeiros anos do século XX²³, já as demais estruturas conhecidas, construídas para o desfrute marítimo, como o Hotel Glória e Copacabana Palace, ambos no Rio de Janeiro, foram construídos somente na década de 1920 à mando do então presidente Epitácio Pessoa, como estruturas de apoio à realização da Exposição Internacional do Centenário da Independência. A consolidação da vila balneária no Guarujá representa, portanto um momento inaugural, já no fim do século XIX, onde essas práticas ocupavam uma centralidade que mais tarde se dissiparia em outras estruturas similares pelo território nacional.

²⁰ Pires, 2001: 56. Franco também destaca “a presença de membros da Família Real portuguesa passando temporadas em diversas estâncias do país: Petrópolis, no Rio de Janeiro, onde em 1840 é construído o Palácio Imperial de Verão, residência de veraneio oficial da Família; Caldas da Imperatriz, em Santa Catarina, e Poços de Caldas, em Minas Gerais, visitados por D. Pedro II e pela Imperatriz Tereza Cristina em 1845, e em 1886, respectivamente; e Caxambu, também em Minas Gerais, onde a Princesa Isabel e o Conde D’Eu hospedaram-se por diversas vezes entre 1860 e 1880, tendo, inclusive, construído um chalet particular”, apontando que a presença de “personalidades tão ilustres contribuíram decisivamente para conferir o caráter de prestígio que esses núcleos passariam a ter no século seguinte” (Franco, 2005).

²¹ Aqui cabe destacar que a aparente presença puramente simbólica da atuação da família Real para a disseminação dessas práticas incidia também concretamente sobre a elite paulistana, uma vez que o mundo que habitavam era compartilhado. Como exemplo dessa existência comum, vale apontar que um dos genros de Antonio Prado, Carlos Augusto Monteiro de Barros, estudou no mesmo colégio em Petrópolis frequentado por filhos das principais famílias da antiga Corte, como o Príncipe D. Pedro de Alcantara, filho mais velho da Princesa Isabel e Conde D’Eu. (Sousa, 1950).

²² Marras, 2004: 126.

²³ Franco, 2005.



Imagem das cabines de banho instaladas na primeira versão do Hotel. Fonte: acervo pessoal Geraldo Anhaia Mello.

Cabe ressaltar ainda o papel dos banhos como prática curativa, não só dos males físicos, como também daqueles que incidem sobre a psique, noção constituída a partir de um hibridismo entre a mais nova ciência e uma significação simbólica, correspondente ao universo de um mundo sensível. Em trecho publicado pela revista *A Cigarra* fica evidente a manifestação de tais preceitos:

Os banhos de mar saturam-no de iodo. Encouraçam-nos contra a anemia. Afugentam de nós a tristeza, sócia da doença, enrijando-nos os nervos, tornando-nos activos e vigorosos. São elles que nos retemperam para as luctas do trabalho, luctas quotidianas que renascem, a cada momento, das dificuldades vencidas, com a tenacidade das cabeças das hydras da fabula. Àquelles mesmo para quem lampeja melancholica a mocidade no seu ocaso, os banhos de mar emprestam uns clarões de juventude, remoçando-os. Elles são sempre propícios às mulheres.²⁴

É fundamental portanto o papel que desempenham os banhos como práticas curativas da melancolia, do *spleen* - como se refere Corbin - e da tristeza para além da terapêutica mais propriamente física. Destaca-se também que não à toa o breve texto recomenda os banhos especificamente às mulheres, a psicanálise difundida por Freud a partir do fim do século XIX também incide diretamente sobre elas, que até então desempenhavam papel central nas teorias a cerca da histeria.²⁵

A vila portanto, desde a sua primeira inauguração, ao dotar a praia de todos os aparatos de apoio necessários à prática de banhos: cabines móveis de troca, pavilhão na praia para trocas, bem como de corpo técnico adequado, reitera o papel central desempenhado pelas ritualização dos banhos, fortalecendo, deste modo, o conjunto de discursos que a constituía.

²⁴ Os banhos de mar. *A Cigarra* edição de 30 de março de 1914.

²⁵ Roudinesco, 2014: 58

O AVANÇO DO PROGRESSO

Já em 1870, a cidade do Rio de Janeiro, contava com cerca de sete estabelecimentos, administrados por europeus, em áreas centrais da cidade destinados a prática de banho de mar, servindo tanto às elites quanto aos trabalhadores da região central.²⁶ Imagens de Augusto Malta, importante fotógrafo carioca que registra as transformações urbanas naquele período, ilustram tais estabelecimentos e revelam que mesmo na capital federal, apesar do empenho em organizar esse tipo de prática, ela se consolidava ainda de modo muito precário sendo inclusive alvo de algumas cômicas crônicas do período. Em Santos, cidade litorânea mais importante do Estado de São Paulo, a aproximação com o Atlântico por sua vez, só se deu na última década do século XIX, quando se iniciam as obras de Avenida Ana Costa que ligaria a área efetivamente ocupada da cidade voltada ao canal do Porto com a região dominada pela extensa faixa de areia em contato com o mar; sendo assim a consolidação da praia e do mar, como espaço destinado a algum tipo de desfrute e ocupação organizada só se daria de modo efetivo no início do século seguinte²⁷.

Ainda assim, mesmo que escassos, alguns relatos permitem construir a imagem não só do pitoresco sítio escolhido para implantação da vila, como também dos modos como as práticas de banho de mar se realizavam por parte da população paulista no período anterior a sua efetiva conclusão. A presença intermitente de algumas famílias em chácaras situadas na região da Barra de Santos, atual ponta da praia, onde a ocupação era ainda muito rarefeita, como indicam alguns mapas da cidade, evidencia a existência de alguns desses hábitos exercidos com grande dificuldade. Ina von Binzer, educadora alemã que permanece no Brasil entre os anos de 1881 e 1884 encarregada da educação de crianças da elite paulista e carioca, traz um relato de uma dessas estadias, que teria durado ao menos um mês e meio durante os meses de agosto e setembro do ano de 1882. Vindo da região de Americana, a cerca de 200km de Santos, Ina se instalaria em chácara na Barra de Santos pertencente a firma Sousa Queiroz, da qual alguns membros tornar-se-iam posteriormente acionistas da Balneária, e afirma em carta à sua amiga Grete:

De manhã, lá pelas cinco horas, quando a lua ainda está careteando para o sol, todos os habitantes de nossa casa atiram-se às ondas. Homens e mulheres, pretos e brancos, o bando todo corre em trajes de banho feitos de flanela e atravessa o jardim em direção à praia, entrando n'água e refrescando-se à luz do luar, na mais completa harmonia, mas tão infernalmente barulhentos que durante o dia inteiro me sinto atordoada...

(...)

Nossa chácara fica situada em lugar ermo, tendo um grande jardim ao lado e do outro, confinada com outra chácara desabilitada; do lado da praia não é fechada. À noite, com auxílio de duas cadeiras colocadas sobre uma mesa, construímos uma barricada diante da porta de vidro e confiamos o resto a Deus. Como conheço bastante seus gostos, creio que a você adoraria esta maneira 'idílica' de se viver na praia.²⁸

Poucos anos mais tarde, em outubro de 1886, o Correio Paulista publica uma breve notícia veiculada dias antes no jornal Correio de Santos, intitulado *Salvo das Ondas*. Nele se informa que

²⁶ O'Donnell, 2013:95

²⁷ Lanna, 1996: 150.

²⁸ Binzer, 1956 :139

duas interessantes filhas do sr. dr. Aquilino Leite do Amaral, actualmente em banhos na praia de Guarujá, escaparam de ser tragadas pelas ondas, ou esmagadas de encontro aos rochedos do Pombeba, arrebatadas pelo mar extraordinariamente enfurecido, sendo felizmente salvas por bondosos pescadores da mesma praia.²⁹

Ambos os relatos são capazes de orientar algumas elaborações sobre o banho de mar no território paulista e sobretudo contrapô-las a ritualização dos hábitos que se intensificariam com a inauguração da vila, alguns anos mais tarde. Em ambos, o beira-mar, ainda que marcado pela presença de ilustres figuras sugerindo a premência de um desejo latente, é retratado ora como perigoso e ermo, frente a pouca presença material humana, ora violento e imprevisível por conta da própria natureza do mar, das ondas e das pedras, imagens estas que seriam em grande medida transformadas com a chegada dos *melhoramentos* trazidos com a construção da vila. Além disso os dois relatos indicam a prática de banhos como uma prática de múltiplas significações, seja ela entendida em seu sentido mais lúdico, como pode se aferir do primeiro relato, que em certa medida se contrapõe a um comportamento mais civilizado esperado pela educadora europeia tendo em vista seu atordoamento dele decorrente, ou ainda como possível prática já curativa, indicada pela escrita do artigo de jornal que indica estarem as meninas *em banhos*, sugerindo uma prática sucessiva típica de uma estância balnear.

A construção da vila buscaria, em seus distintos momentos, se contrapor a esse cenário, seja por meio de sua arquitetura ou urbanismo. Nesse sentido tanto os primeiros chalets de madeira, cuja arquitetura, devidamente ambientada às condições climáticas locais, remonta a localidades devidamente ordenadas norte-americanas, quanto a arquitetura eclética de Ramos, seriam considerados *acomodações higienicas, bem arejadas, com janelas para o exterior de modo a receber em todos os sentidos a fresca aragem de terra e a saudável viração do mar*. O traçado urbano através do qual organizaria sobre o *papel toda a teoria de uma esplendida villa*, iniciada, pois, pela execução da planta e finalmente incidindo sobre o terreno através de sua divisão, arruamento, recuos, arborização também respeitaria um conjunto de preceitos sanitaristas e higienistas recorrentes nos debates sobre a ordenação urbana do período.

Inúmeras fotografias de períodos de vilegiatura passam a figurar nos álbuns de algumas famílias³⁰, bem como em cartões postais que acabam incidindo sobre a constituição da imagem do conjunto, reforçando os preceitos elencados acima. Além do conjunto edificado, a paisagem da praia ganha destaque nessas representações, em especial um dos extremos da faixa de areia então denominado Sala de Pedras, onde a formação natural e a disposição das pedras sugere a conformação de um espaço doméstico e reconhecido, fortalecendo a noção do domínio humano sobre o espaço natural.

²⁹ Salvos das Ondas. Correio Paulistano, edição de 27 de outubro de 1886. Aquilino Leite do Amaral Coutinho foi bacharel em direito pela Academia de Direito Largo São Francisco, membro do Partido Conservador e deputado provincial em São Paulo nos anos de 1886 e 1887 (In Dicionário histórico-biográfico da Primeira República (1889-1930), ABREU, Alzira Alves. 2015).

³⁰ Há um conjunto de imagens de grande interesse organizada no Acervo de Caio Prado Junior no Instituto de Estudos Brasileiros da USP. Muitas das imagens retratam figuras da família Penteado, em especial Eglantina Pentedado, futura esposa de Antonio Prado Junior, em passagem pelo Hotel no ano de 1897.

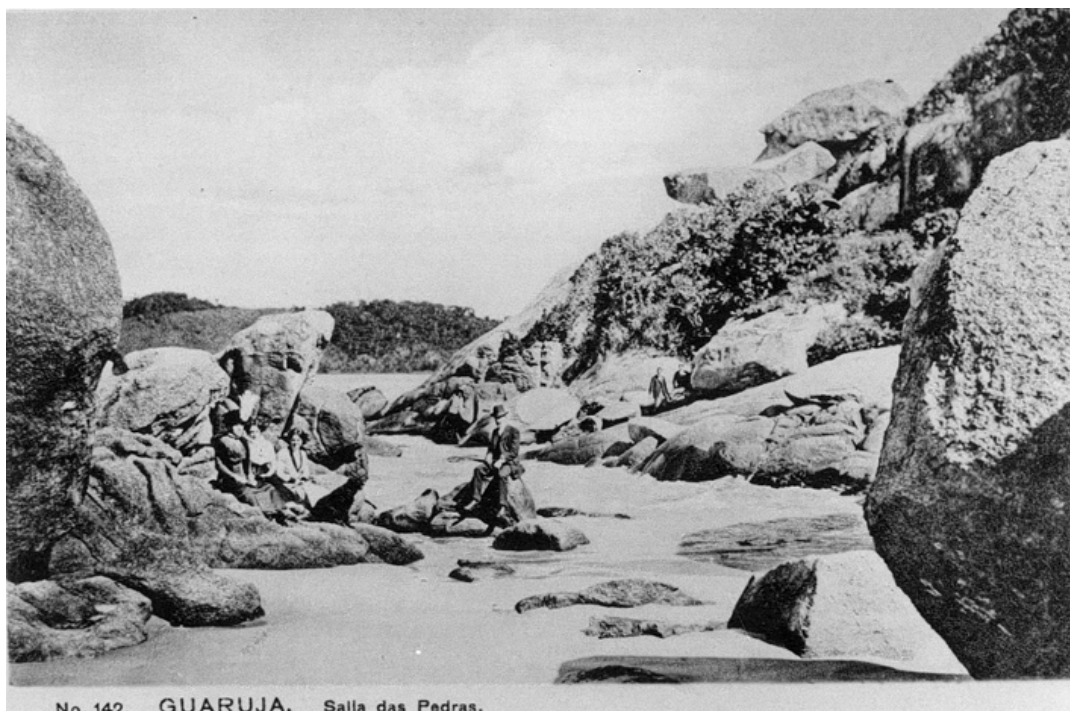


Imagem ilustrando visitantes dentro da conhecida Salla de Pedras. O espaço natural surge domesticado. Fonte: Acervo FAMS

O território antes deserto e perigoso passava, pois, a ser mediado por preceitos científicos, capazes de transformá-lo e torna-lo extremamente confortável e desta forma apto a ocupação humana civilizada.

TERRITÓRIO DOS PRAZERES

Para além de sua imagem higiênica, a vila fora ainda frequentemente representada por meio de sua elegância presente em sua arquitetura, mas sobretudo fruto de seu desempenho recreativo. Assim o hotel, *vasto e esplendido* se concretiza como uma *vivenda completa*, destinado a ser o *lugar das diversões para os banhistas*, tendo para isso *sala de jogos, 'soirres' e outros gêneros de divertimento*, confirmando deste modo sua atuação como importante signo da modernidade e progresso almejados.

No ano de 1899, o Jornal S. Paulo publica curioso artigo intitulado “Balneário da Aristocracia”:

Nem tudo é trabalho e política na vida dos audaciosos e laboriosos Prado. O prazer também tem sua vez. É nesses momentos que as paradisíacas praias do Guarujá – um balneário que já está despontando entre a elite paulista – acabam sendo o destino certo. É lá que os Prado estão passando as férias de verão, em companhia de pessoas não menos aristocráticas. Nas finas areias do Guarujá, os Prado podem ser vistos conversando e trocando idéias com os filhos de Andréa Matarazzo ou de um menino santista de pais ingleses chamado Roberto Simonsen. E quando o sol está muito forte todos refugiam-se nos elegantes chalés de madeira, importados dos Estados Unidos. A cor ‘enegrecida e vulgar’ deixada pelo sol é uma marca que todos querem evitar.

Conforme anunciado em trecho já reproduzido das páginas de A Cigarra, novamente aqui se destaca a profunda relação de interdependência entre as práticas de lazer e a vida dura do trabalho, apresentada neste caso por meio de uma das figuras mais conhecidas da elite paulista e cuja ampla atuação provoca espanto e cansaço apenas por meio de breve seu relato.³¹ Além dessa relação de fundamental relevância para a consolidação da modernização almejada do território paulista, se destaca a importância dada ao convívio com os demais membros integrantes da mesma elite. As areias do Guarujá servem então como lugar de encontros e trocas de uma elite que, serra acima, se vê inserida em um conjunto complexo de relações sociais, onde não raro se veem forçadas a ressignificar seu papel de centralidade. No Guarujá, por sua vez, ao mesmo tempo em que encontram o conforto e a privacidade necessárias em seus chalés, desfrutam de momentos de convívio, realizado fundamentalmente entre iguais, proporcionando uma vivência urbana altamente concentrada, seja nas areias da praia, nas extensas varandas e na ampla sala de jantar do hotel ou nos salões do cassino. A existência pois dessas duas esferas da vivência, devidamente controladas pela chave da exclusividade, expressa por toda a ordenação do conjunto e seu isolamento insular, garantia a constituição de um território perfeitamente construído em torno da busca de prazeres prescritos para esses sujeitos e devidamente reproduzidos por meio de seus elegantes ritos de consagração.

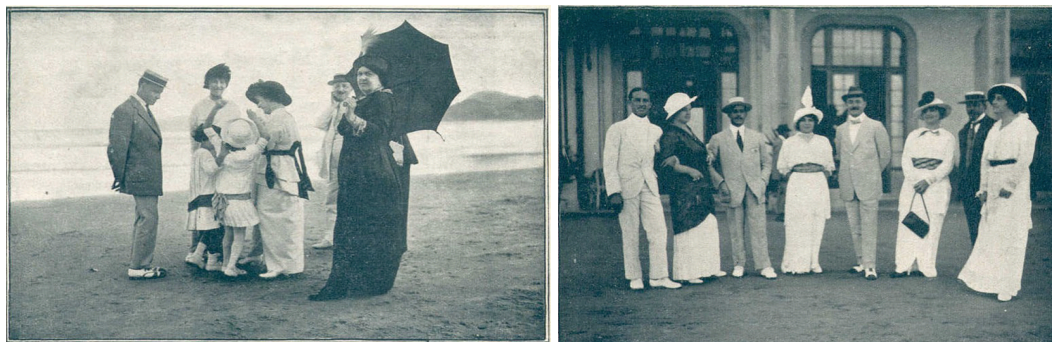
Nesse sentido, são vários os relatos das festas e bailes que tomavam as maiores proporções possíveis, regados de muito *entusiasmo e animação*. De *casacas e smokings* os homens acompanhavam as mulheres em suas belas *toilettes* de seda em quadrilhas comandadas pela banda militar ou por orquestras especialmente escaladas, que se arrastavam noite a dentro no salão do Hotel, se estendendo às mesas de jogos do cassino. As datas de abertura das estações balneária, normalmente ocorridas no fim do mês de abril, eram divulgadas nos periódicos e amplamente festejadas contavam com programação especial, orquestras convidadas e jantares elaborados.

Personagens de curioso interesse fortalecem a constituição simbólica da vila e colaboram para a construção desse cenário idílico de festas e elegância. Antoine Daniel Sousquières, cozinheiro francês que imigrou para São Paulo de Buenos Aires frente à crise econômica argentina³², e que se estabelece no fim do século XIX na cidade, à frente da famosa *Rôtisserie Sportsman*, logo responsável pelos mais importantes eventos da elite paulista, de festas da família Prado, a recepções de diplomatas estrangeiros, é uma dessas figuras. A partir de 1902 Sousquières passa a comandar também os salões do Grande Hotel Guarujá e menções a sua presença são constantes em anúncios do hotel veiculados nos periódicos. Almoços frequentes eram oferecidos, e passavam a compor mais uma das *vantagens de uma estação naquele aprazível local*³³. Sua presença dessa forma se configura como mais um componente de significação do hotel frente a construção física e simbólica que se efetivava.

³¹ Antonio Prado desfrutou de importante e extensa carreira seja ela em atividades políticas, empresariais ou agrícolas. Um conservador, foi eleito vereador na cidade de São Paulo (1866), deputado provincial (a partir de 1866), e deputado federal (1869-1875, 1885-1889), sendo nomeado ministro da Agricultura (1885-88), senador (1887), por um breve período de tempo, ministro das Relações Exteriores (1888) e prefeito de São Paulo (1901-1911). Como empresário foi fundador da Companhia Paulista de Vias Férreas e Fluviais que presidiu de 1892 a 1928, proprietário da Companhia Exportadora Prado e Chaves, criador do Banco do Comércio e Indústria de São Paulo, que dirige até 1920, proprietário da Vidraria Santa Marina, entre outros. Como produtor agrícola, administra, conjuntamente com seu irmão Martinico, grandes fazendas produtoras de café, entre elas a Fazenda Guatapará e São Martinho, duas das maiores produtoras na virada do século. (Levi, 1977.)

³² Barbuy, 2006:107

³³ Jornal Commercio de São Paulo, edição de 20 de abril de 1907.



Imagens publicadas nas páginas da revista Cigarra em 01 de Agosto de 1914, retratando o encontro de hóspedes do hotel nas areias da praia e em uma de suas entradas. Fonte: Acervo cartográfico e de periódicos do Arquivo Público do Estado de São Paulo.

As viagens rumo às areias do Guarujá adquirem assim múltiplos sentidos que se consolidam, se transformam, e se renovam ao longo dos primeiros 20 anos de sua existência. De modo amplo, no entanto, por um lado, em relação à crescente *deterioração da vida social urbana*, a estação balnear compreendia uma certa fuga com destino *a encantadora e selvática praia, que oferece o mais estupendo e imponente espetáculo aos olhos do passeiante*, transformada em espaço devidamente aparelhado capaz, pois, de apaziguar males que incidiam sobre corpo e espírito. Por outro, em certa medida oposto ao sentido anterior, as temporadas em vilegiatura reforçavam a mesma vida urbana da qual se buscava escapar, fortalecendo ritos de modo a garantir reconhecimentos mútuos e afirmações de identidades, as quais não se permitiam desvanecer.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Oswald de. “ Um homem sem profissão; Memórias e Confissões; sob as ordens de mamãe. São Paulo: Globo, 2012.
- BARBUY, Heloísa. A cidade-exposição: comércio e cosmopolitismo em São Paulo 1860-1914. São Paulo: Edusp, 2006
- BINZER, Ina von. “ Os meus romanos: alegrias e tristezas de uma educadora alemã no Brasil”. Rio de Janeiro: Paz e Terra: 2004.
- CAMPOS, Eudes. “Chalés Paulistanos”. Anais Museu Paulista. vol.16 no.1 São Paulo Jan./Jun. 2008.
- CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jaques; VIGARELLO, Georges (org.) . “Historia do corpo: As mutações do olhar: o século XX. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- FRANCO, Amanda Cristina: Cidades da cura, cidades de ócio – a influência de concepções estrangeiras no urbanismo de três estâncias paulistas: Águas de Lindóia, Águas da Prata e Águas de São Pedro 1920 – 1940. Dissertação de Mestrado. São Carlos, EESC-USP, 2005.
- _____. Águas fundam cidades: a formação de estâncias hidrominerais no Brasil no início do século XX. São Carlos, 2005.

- FREITAS, Marcus Vinicius de. "Contradições da Modernidade: o jornal Aurora Brasileira (1873-1875). Campinas, SP: Editora da Unicamp: 2011.
- JORDÃO, Sebastião Pacheco. " Dr. Elias Fausto Pacheco Jordão. Traços biográficos." 1949.
- LANNA, Ana Lucia Duarte. Uma cidade na transição. Santos: 1870-1913. São Paulo/Santos: Editora Hucitec e Prefeitura Municipal de Santos, 1996
- LEVI, Darrel. A família Prado. São Paulo: Cultura 70, 1977
- MARRAS, Stélio Alessandro. A Propósito de Águas Virtuosas: formação e desenvolvimento de uma estação balneária no Brasil. Dissertação de Mestrado. São Paulo, FFLCH-USP, 2002.
- O'DONNELL, Julia. " A invenção de Copacabana: culturas urbanas e estilos de vida no Rio de Janeiro (1890-1949). Rio de Janeiro: Zahar, 2013
- PADILHA, Marcia Lotito,. " A cidade como espetáculo. Publicidade e vida urbana na São Paulo dos anos 20. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.
- PIRES, Mário Jorge. Raízes do Turismo no Brasil. São Paulo, Manole, 2001
- RAGO, Margareth. "A invenção do cotidiano na metrópole: sociabilidade e lazer em São Paulo, 1900-1950". In Adriana Duarte et al, Paula Porta (org.) História da cidade de São Paulo. A cidade na primeira metade do século XX 1890- 1954. São Paulo: Paz e Terra, 2004. 3 v. v. 3)
- REIS FILHO, Nestor Goulart. "Guarujá e faroeste. Quem se lembra?". São Paulo, 1990 (In: Jornal da Tarde. Caderno de Sábado, São Paulo, p.6, 23 mai. 1990)
- ROUDINESCO, Elisabeth. " Sigmund Freud na sua época e em nosso tempo.". Rio de Janeiro: Zahar, 2016
- SEVCENKO, Nicolau. "Orfeu Extático na Metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20". São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- SOUSA, Pedro Luis Pereira de. "Meus Cinquenta anos na Companhia Prado e Chaves." 1950

ACERVOS CONSULTADOS:

Hemeroteca Digital - Biblioteca Nacional Brasileira Fotográfica

Acervo Caio Prado, IEB

Acervo Fundação Pesquisa e Memória de Santos Acervo Geraldo Anhaia Mello

Acervo Osvaldo Cáfaró

Acervo de cartografia e periódicos do Arquivo Público do Estado de São Paulo